

GM
26/2/97 C-1
77

Grupo quer retomar projeto na Amazônia

A experiência mal-sucedida na produção de borracha poderá transformar-se num centro de tecnologia florestal

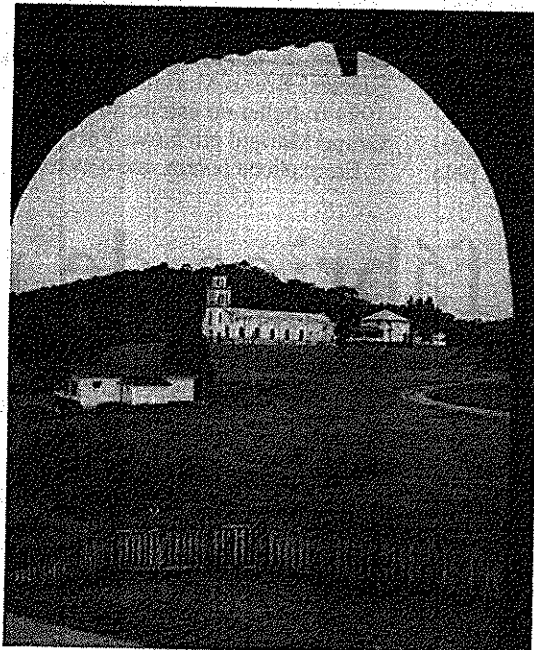
por Raimundo José Pinto
de Fordlândia

Pouco mais de 50 anos depois de ter abandonado, em 1945, o projeto de Henry Ford de implantar nas margens do rio Tapajós o maior seringal cultivado do mundo, a gigante norte-americana da indústria automobilística poderá retornar à região para participar de um projeto de revitalização do que restou da completa estrutura montada, no final da década de 20, em Fordlândia e Belterra, os dois núcleos que serviram de base ao empreendimento que teve um investimento de cerca de US\$ 50 milhões para o plantio de cinco milhões de pés de seringueiras.

No último final de semana, numa reunião num hotel em Comandantuba, na Bahia, o secretário do Ministério do Meio Ambiente da Amazônia, José Seixas Lourenço, discutiu com executivos da Ford Motor Company um amplo projeto não apenas de resgate histórico mas de implantação da base de um importante centro de tecnologia na área florestal. "Os dirigentes da Ford estão interessados em estabelecer não apenas uma ponte com o passado mas principalmente uma ponte para o futuro", disse Lourenço.

Para isso seria aproveitada toda a experiência que órgãos como a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) e a Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (Sudam) têm na região em pesquisa florestal. Fordlândia e Belterra ocupam boa parte da Floresta Nacional do Tapajós (Flona). Mas Seixas Lourenço destaca que o carro-chefe do projeto será o ecoturismo. Dentro de três meses deverá estar pronto o detalhamento do projeto, que vai incluir também um núcleo de pesquisa agroambiental e florestal, com uma escola técnica florestal, e um museu nacional da borracha.

Além da Ford, outras fontes de recursos estão sendo trabalhadas, como o Banco Mundial e o PPG-7, o programa piloto para a proteção das florestas tropicais, também estão sendo levantadas. Um vídeo sobre a região foi preparado e mostrado aos norte-americanos, entre eles William Ford, executivo da empresa e neto de Henry Ford e que, como o avô, ja-



Igreja de Fordlândia

mais esteve na pequena cidade brasileira que leva seu nome.

Luis da Silva Franco, hoje com 92 anos, tinha apenas 22 quando os navios "Lake Ormoc" e "Lake Farge" chegaram à então localidade de Boa Vista, onde sua mãe possuía uma vivenda. O local foi escolhido pelos norte-americanos porque ali o Tapajós tinha boa profundidade. Os navios transportavam todo o material que seria utilizado para implantação da infra-estrutura da futura Fordlândia, uma cidade moderna no meio da floresta, que possuía até hidrante, usinas de luz, enormes caldeiras, oficina mecânica com equipamentos ainda hoje utilizáveis, completo sistema de captação e distribuição de água.

Henry Ford decidiu produzir borracha a partir de um grande plantio de seringueiras depois que a Inglaterra, que detinha o monopólio mundial do produto, resolve estabelecer, no início da década de 20, cotas para os produtores, localizados principalmente na Ásia, forçando a redução da superprodução que havia na época e uma elevação nos preços. Isso afetava países dependentes da importação da borracha, como os Estados Unidos. Para fugir ao monopólio inglês, Ford chega a falar na possibilidade de produzir até o equivalente a 50% da produção mundial de borra-

cha natural da época, que era de algo em torno de 600 mil toneladas.

Essa procura de Ford por uma grande área para plantar seringueira coincide com uma grave crise econômica que atinge a Amazônia, provocada pela queda em sua produção de borracha natural, substituída pelos plantios no Sudeste Asiático, feitos a partir de matrizes levadas da própria região amazônica. "Os seringais do alto Tapajós estavam abandonados, não se produzia quase nada. Os seringueiros estavam sem o que o fazer", lembra Luis Franco.

O governo do Pará passa a oferecer então uma série e vantagens para atrair o investimento norte-americano e a 10 de outubro de 1927 é constituída a Companhia Ford Industrial do Brasil, com a concessão de um milhão de hectares pelo governo paraense na margem direita do rio Tapajós, nos municípios de Itaituba e Aveiro. A lei que estabeleceu a concessão deu ampla autonomia à Ford. Foram também concedidos amplos benefícios fiscais.

Como boa parte da região de Fordlândia era acidentada e dificultava a coleta do látex, a Ford conseguiu permutar com o governo uma parte de sua área com outra área mais próxima a Santarém, na foz do rio Tapajós, onde em 1934 foi criada Belterra, que passou a concentrar os investimentos da empresa. Hoje Belterra é um município, onde em janeiro assumiu seu primeiro prefeito.

Manoel Bispo dos Santos, hoje com 87 anos, aposentado e morando em Belém, chegou a Santarém, ainda hoje a principal cidade da região, junto com os norte-americanos em 1928, depois de ter trabalhado nas oficinas da estrada-de-ferro Madeira-Mamoré, em Rondônia. Mas nunca tinha visto tanta máquina como em Fordlândia. "Tudo parecia coisa de doido, máquinas enormes. Trabalhei em quase tudo lá, aprendi muita coisa".

Com os norte-americanos começa-

ram a chegar pessoas de todos os pontos do país e até do exterior em busca de emprego. Ainda hoje morador em Fordlândia, Antônio Francisco Silva, com 79 anos, é um dos pioneiros na região. Ele se alistou e foi trabalhar como milhares de outros no campo, derrubando a floresta para plantar seringueira. "Parecia um monte de formiga". Antônio, que terminou trabalhando como servente no hospital de Fordlândia, não poupa elogios às vantagens que os norte-americanos davam, mas reconhece que o esquema de trabalho era rigoroso. "Se não trabalhava por malandragem, o caboclo era demitido. Um fiscal percorria os acampamentos e se alguém ficava dormindo, mandava tomar um purgante, levava pro hospital e no outro dia estava bonzinho pra trabalhar". Manoel Bispo também lembra disso. "O pessoal não tinha direito nenhum. O americano não topava com sindicato e demitia quem queria organizar um".

As rígidas medidas de controle e

disciplina, como a imposição de uma alimentação completamente diferente aos hábitos locais, provocaram alguns conflitos. O mais grave deles foi o chamado "quebra-panela", ocorrido no final de dezembro de 1930. Começou no jantar do dia 22 no refeitório, porque os trabalhadores não gostaram da inovação da comida ser servida em quantidade certa nos bandejeões e não mais à vontade como antes. Todo o refeitório foi quebrado. O quebra-quebra se espalhou por outros setores de Fordlândia. "Os americanos fugiram para Aveiro e para Santarém e a revolta só acabou alguns dias depois, quando o interventor do Estado, o major Barata, mandou uma tropa de Belém e prendeu os líderes do movimento", lembra Bispo.

Mas apesar das restrições quanto ao sistema de trabalho, quase todos os que trabalhavam na Companhia Ford admitem que o patrimônio que havia foi se perdendo aos poucos, depois que os norte-americanos entregaram de volta a área ao governo bra-

sileiro, em troca de uma indenização simbólica. "Quem viu antes e vê agora, pensa que é mentira o que a gente fala", diz Antônio. Há alguns meses a cidade está sem luz e sem água encanada, obrigando os moradores a utilizarem poços. Fordlândia e Belterra, que já tiveram os maiores hospitais da região, desativados, não dispõem sequer de um médico.

Esta primeira grande experiência na Amazônia de substituição de uma floresta heterogênea por uma homogênea seria repetida muitos anos depois por outro norte-americano, Daniel Ludwig, no Projeto Jari e que, como no caso da Ford, acabou abandonada por seu idealizador. A plantação de seringueiras no lugar da floresta acabou provocando a chamada "doença das folhas", provocada por um fungo. Sem a mão-de-obra desejada, com a plantação atacada por doenças e com o surgimento da borracha sintética no mercado mundial, a Ford deixa a região em 1945. ■